

## UMA CORRESPONDÊNCIA LIGANDO O CENTRO E A PERIFERIA.

Professora Dra. Edna Maria Rangel de Sá (UFRN)

### **Resumo:**

A troca de cartas entre Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo, que vai de 14 de agosto de 1924 a 12 de junho de 1944, num total de 153 cartas, em 19 anos e dez meses de uma frutífera correspondência, é, segundo Jacques Le Goff (1994), um documento que deve ser visto como um monumento da história cultural potiguar e paulista. Interessa-nos, aqui, o fato de que essa troca de cartas entre de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade, contêm, com certeza, dados autobiográficos indispensáveis para uma melhor compreensão, não só do homem, do intelectual, mas sobretudo da obra, do próprio “corpus” bibliográfico cascudeano, sendo também mais um ângulo de visão do modernista e epistológrafo paulista. Além de iluminarem todo o contexto histórico, intelectual e cultural da época, estas cartas nos darão conta da repercussão do Modernismo no RN e das interferências desse movimento e de seu divulgador maior, Mário de Andrade, em nossos intelectuais e poetas.

**Palavras-chave:** Modernismo, Centro, Periferia, Correspondência,

### **1 Introdução**

Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) e Mário de Andrade (1893-1945) começaram a se corresponder no ano de 1924, totalizando 60 missivas escritas por Luís da Câmara Cascudo e 93 por Mário de Andrade, ou pelo menos do montante a que nos foi possível ter acesso.

Esse conjunto de cartas trocadas entre Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo, que vai de 14 de agosto de 1924 a 12 de junho de 1944, num total de 153 cartas, em 19 anos e dez meses de uma frutífera correspondência, é, segundo Jacques Le Goff (1994), um documento que deve ser visto como um monumento da história cultural potiguar e paulista. Interessa-nos, aqui, o fato de que as cartas de Luís da Câmara Cascudo enviadas a Mário de Andrade, assim como as cartas de Mário de Andrade enviadas ao escritor potiguar, contêm, com certeza, dados autobiográficos indispensáveis para uma melhor compreensão, não só do homem, do intelectual, mas sobretudo da obra, do próprio “corpus” bibliográfico cascudeano, servindo, também, como mais um ângulo de visão do modernista e epistológrafo paulista sobre a cultura brasileira e os desdobramentos da visão modernista.

Além de iluminarem, de certo modo, todo o contexto histórico, intelectual e cultural

da época, estas cartas nos dão conta da repercussão do Modernismo no Rio Grande do Norte e das interferências desse movimento e de seu divulgador maior, Mário de Andrade, em nossos intelectuais e poetas. O discurso autobiográfico se apresenta como “conjunto de sintomas” desse movimento cultural e como campo de forças onde se debatem as postulações modernistas para a cultura e a identidade brasileiras. A carta era o instrumento com que Cascudo abria caminhos fazendo amigos no Brasil e no exterior. Era a arma poderosa com a qual ele combatia, da província, a falta de informações, de novidades intelectuais e literárias que estavam acontecendo pelo Brasil e no exterior. Para Mário, era o meio de divulgar as ideias modernistas, de “atualizar” o Brasil e de “iniciar” os novos na literatura criando um estilo e uma língua brasileira também pela busca do folclore e do popular.

Nessa correspondência, podemos perceber a amizade e o clima de confiança e admiração recíprocas entre os dois intelectuais e a troca de informações seguras sobre Nordeste e Modernismo.

Em 1927, Mário de Andrade faz uma viagem partindo de São Paulo, no dia 07 de maio, viajando pelo Amazonas, Peru, Bolívia e regressando em 15 de agosto do mesmo ano. No dia 07 de agosto ele, e sua comitiva, aportam em Natal, mas ficam por apenas meio dia e partem para Cabedelo, na Paraíba, dando continuidade à viagem.

Essa viagem é registrada na primeira parte do livro **O turista Aprendiz** (ANDRADE, 1976). Note que, voltando a São Paulo, é assim que Mário se sente após a longa viagem:

**15 de agosto** – São Paulo, gozo amargo de infelizes...Trem desencarrilado na nossa frente, nos pára em Luís Carlos pouco antes de Moji. Dona Olívia e companheiros partem de automóvel chegado. Não aceito lugar, esperando os meus. Besteira, desespero. Mando buscar auto em Moji pra mim, e na bruta contrariedade em que estou, ainda sou obrigado a compartilhá-lo com um desconhecido, o sr. dr. Abelardo César, que se oferece para vir comigo e racharmos despesa. Aceito a companhia, que hei de fazer! Recuso a rachação, o auto já estava alugado mesmo, seria uma indelicadeza pra comigo mesmo aceitar. E o pior é que desencontro os meus manos e amigos, que tinham tomado automóvel e ido me buscar. Bolas! Enfim, pelas quatorze horas, **são exatamente quatorze horas e onze minutos e doze segundos**, na “**minha**” casa, com os “**meus**”, com a “**minha**” gente. **Fecha a porta, Bastiana! Fecha a porta com chave, Bastiana! Atira a chave na rua!** (ANDRADE, 1976, p.197. Grifos meus).

Podemos perceber, pela descrição da hora exata, pelos pronomes possessivos aspeados, pelo “Fecha a porta com chave, Bastiana! Atira a chave na rua!”, o aborrecimento de Mário que, cremos, não decorre só dos incidentes na chegada, nem das dívidas de viagem e nem mesmo das saudades de São Paulo e da família. Parece-nos que Mário visitou o nordeste, gostou dele, mas, não o “viveu” como gostaria.

Em nova viagem, em 27 de novembro de 1928, às 21 horas, o autor de **Macunaíma** Parte rumo ao nordeste. Desta vez ele viaja só, numa viagem de 70 dias, dos quais 43 dias ele passará em Natal hospedado na casa de Câmara Cascudo, viajando e vivendo o sertão.

Em 14 de dezembro de 1928 ele entra de trem no Rio Grande do Norte: “Já estou no Rio Grande do Norte, **pertencendo ao meu amigo Luís da Câmara Cascudo, e o prazer vai enfeitando o presepe. Bois acaracuzados, bonitos e reconhecíveis como letra de amigo**” (ANDRADE, 1976, p. 231. Grifos meus).

Mário de Andrade chega a Natal, para sua segunda visita, e relata assim, numa citação longa, mas necessária, o seu primeiro dia em Natal:

**Natal, 15 de dezembro, 22 horas** – Me deito depois deste primeiro dia de Natal. **Estou que nem posso dormir de felicidade.** Me estiro na cama e o vento vem, bate em mim cantando feito coqueiro. Por aqui chamam de “coqueiro” o cantador de “cocos”. Não se trata de vegetal, não, se trata do homem mais cantador desse mundo: nordestino. O vento de Natal é mano dele. **Moro** no bairro alto do Tirol, ruas largas, abertas...a erudição me lembra as praças da primeira Florença renascente, destinadas aos “cantastorie”, onde eles dedilhavam o alaúde, a trompa marinha cantando sem mais fim. Aqui também. O vento canta, os passarinhos, a gente do povo passando. O homem que leva e traz as vacas daqui de perto, não trabalha sem aboiar... **Aqui em casa também. Todos cantamos,** cocos, embolados, sambas, dobrados, modinhas... A afamada “Praieira”...(ANDRADE, 1976, p. 231. Grifos nossos).

Mário conhece muita gente e faz vários amigos, passeia, conhece nossas praias, toma banhos de mar, saboreia as comidas típicas do RN, frutos do mar e frutas da terra, viaja pelo interior do estado e colhe cerca de 666 melodias populares entre cocos, congos, fandangos e outros. No dia 28 de dezembro de 1928, à noite, vai a um terreiro de macumba e manda “fechar o corpo”. Os “feiticeiros” Manuel dos Santos e João Germano são os mestres dessa cerimônia. No dia 07 de janeiro, convive com o cantador de cocos Chico Antonio, que o deixará encantado e através do qual ele colherá muitas melodias.

O autor de **Paulicéia desvairada** parte no dia 27 de janeiro de 1929 rumo à Paraíba. Na ida, de carro, passa por Bom Jardim onde almoça e onde uma surpresa alegre o

espera: o reencontro com Chico Antonio, o cantador de cocos, que lhe oferece de presente o ganzá com o qual havia acompanhado as cantorias oferecidas ao intelectual paulista dias antes. Mário fica comovido. Em carta à Câmara Cascudo, de 06 de fevereiro de 1929, já em São Paulo, Mário fala da saudade de Natal e dos amigos daqui:

Estou em S. Paulo faz uma semana porêm só hoje principio berrando pros amigos esta saudade pelo norte, e a recordação danada que está roendo este pobre coração do Mário.[...] Vou trabalhar, não sei o que dá em mim, paro no meio e estou lembrando aí. Esta vida é uma resposta que diz “não” prá gente (06 de fevereiro de 1929).

Em carta a Augusto Meyer, de 05 de abril de 1929, Mário relata o sucesso que foi sua viagem ao nordeste e fala da saudade:

Viagem ótima, nem se pergunta! Foi um colosso o que fiz e o que vi por lá. R. Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco estão no papo. [...] **Ando trabalhando sem prazer mais, curtindo um danado dum logging penoso pelo nordeste que descobri ser a terra pro meu corpo. Que saúde passei lá, que bem estar prodigioso...e que cozinha, seu cumpadre!** (ANDRADE, 1968, p. 69-71. Grifos meus).

Os relatos desta incursão estão na segunda parte do livro *O Turista aprendiz* (ANDRADE, 1976), no subtítulo “Viagem Etnográfica”. Essa segunda viagem parece ser, realmente, de pesquisa de campo onde Mário de Andrade irá colher, *in loco*, uma série de lendas, tradições populares, com grande destaque para as informações musicais, e irá conhecer de perto, e de verdade, o homem nordestino, com sua voz cantada e arrastada, seus costumes alimentares, sua cultura, credences, religiosidades e receptividade.

Parece-nos que, nessa segunda viagem, Mário de Andrade mergulha fundo nas tradições potiguares e nordestinas. Usando a audição, o olfato, o tato e o paladar, ele ouve, sente, cheira e degusta o nordeste e o Rio Grande do Norte e deixa aqui, cravada, da forma mais amorosa possível, sua marca, aproximando, indelevelmente, o centro e a periferia.

Inúmeras vezes, essa correspondência, dos dois lados, se torna confidência pessoal, de confidência entre muito amigos, como esta, de Cascudo a Mário, de 02 de março de 1933:

A minha situação pessoal é esta. **Moramos os velhos e nós, na Avenida**

**Junqueira Aires 393 porque os credores nos tomaram a 596** ( isto está escrito por cima de 684 - observação minha ) na Judiaí. Moramos em casa muito boa, seja dita a verdade. É um bangalô na principal rua da cidade, aquela que sobe para a cidade alta. Nesta casa há sempre “o quarto de seu doutô Máro”. Na sala pompeia o retrato do macunaima, com uma cruz de prata deste tamanho debaixo da moldura, com a inscrição PRO MERITIS. Agora puz-lhe dois capacetes de aço como tenentes. Continuo como professor interino de historia, ganhando 500 \$. À disposição da pena do interventor que demite catedraticos quanto mais interinos. Posto à margem dos ganhos por ser pôlista e perrepista (em Natal porque em S. Paulo era democrata) **faço milagres para viver porque a vida se encarece e eu não tenho aumento financeiro para acompanhar os preços. Cada dia devo diminuir os gastos, privando-me de habitos velhos, inclusive de comprar livros.....**[...] Fernando Luis está bem. Forte , são, alegre. Não posso nem devo aceitar meu pai em outro homem debaixo do sol como padrinho de Nando. Será você dentro de 1933 ou de 3333. Só mão paulista segura o hombro do meu filho na hora em que ele receba o oleo santo. Se você não mais o quizer é que nada poderei fazer para obriga-lo. Creio que não há motivo mental e moral para semelhante ato de sua parte contra esta familia que sempre teve e tem você na conta de filho. E todos nós, seus amigos daqui, continuamos dignos de você. Temos umas duas disserções dolorosas mas só pessoalmente direi. A melhor recomendação atual é ser paulista. Passou por aqui um ator comico chamado Valdomiro Lobo. Nem lhe digo as aclamações que este homem recebeu. Basta dizer que em Mossoró obrigaram-no a viver São Paulo em plena luta. Foi parar 24 horas na cadeiaas foram presos um vintena de homens grandes e ilustres que acompanharam até as grades e aí ficaram. Valdomiro escreveu-me de Fortaleza encantado com as honras que recebe por ser paulista. Escusado é dizer que a gente governamental não gosta destas monobras. Mas essa gente não é a população. É apenas a FORÇA ..... que passará.Fico esperando. Ciau.

393 - Junqueira Aires  
Natal - 2 - 3 - 933

## 2 Conclusão

Diante do exposto, podemos afirmar que a correspondência de Mário de Andrade com Câmara Cascudo deve ser pesquisada e analisada como documentação literária e autobiográfica, que será de suma importância, não só para a compreensão do conjunto da obra cascudeana, mas também, e muito mais, como testemunho de um movimento cultural brasileiro. O discurso autobiográfico se apresentará como “conjunto de sintomas” desse movimento cultural e como campo de forças onde se debaterão as postulações modernistas para a cultura e a identidade brasileiras.

Além disso, as cartas relacionadas significam, sobretudo, a meditação de dois

intelectuais: um na província (periferia) e o outro (centro) considerado o corifeu e divulgador do Modernismo no Brasil. Desta forma, estas cartas constituem a lente através da qual se observa, não só a divulgação da cultura local no Centro-sul do país e a divulgação das ideias modernistas no Rio Grande do Norte e no Nordeste, mas também se pode vislumbrar a constituição do ser humano e folclorista Câmara Cascudo. O homem irá se configurar através dos desabafos, dos conselhos dados e recebidos, de como falava da sua cidade, dos amigos, da família e dele mesmo. Através das “blagues” famosas, das expressões mais usuais, dos modismos, das piadas que fazia com os outros e das que eram feitas com ele, através das que emitia sobre diversos assuntos e dos inúmeros “valores da terra” que ele divulgou, através das cartas, como o fez com o poeta potiguar Jorge Fernandes (1887-1953), o cantador de cocos Chico Antonio (1902?- 1993) e tantos outros.

Esse conjunto da correspondência trocada entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo trata de assuntos diversos, desde simples cumprimentos de amizade ou comentários a respeito da vida particular e de obras de um, de outro ou de terceiros, até verdadeiros ensaios sobre literatura, poesia, modernismo, pesquisas folclóricas ou política, como prova a seguinte carta de Mário de Andrade a Câmara Cascudo, de 26 de setembro de 1924:

Luís da Camara Cascudo [...] Dos livros: Joio assinzinho; as “Historias” o tempo não levará. Acho desagradavel essa mania de grudar crônicas em livro. Cronica é pra jornal. Livro é uma concepção mais inteira e completa. As “Historias” são um livro. As suas cronicas ficaram muito bem num jornal. Em livro a maior parte delas perde 90% da graça e oportunidade. As cronicas estarão bem num livro postumo, si o autor delas atingir a celebridade. Então interessam por outro lado: evolução do autor, suas varias facetas, etc. Só conheço pouquissimos livros de cronica de valor real. A Semana do Machado, o De Rebus Pluribus do Santo Thyrso e poucos mais. Do seu Joio no entanto uma página me interessou vivamente: Doutor João. Muito bem contado e caso interessantissimo. Comoveu-me. Nas suas criticas há uma mistura de bom e mau que me atordoia. Aliás isso não tem importância porquê é opinião minha, pessoal. Em todo caso admirou-me a facilidade dos seus entusiasmos. A parte pobre, a Argentina já é melhor. A mim foi util. Quanto às “Histórias Que o Tempo Leva”, livro interessantissimo sobre todos os aspectos. Gosei de princípio ao fim. Excelente repositório de esclarecimentos. Utilissimo. E sobre o ponto de vista artistico boa realização. O que mais me atrai nos seus escritos deste livro, e mesmo no Joio, Luís da Camara Cascudo, é a sua despreocupação da literatura. Não há esse preconceito de fazer literatura que é a maior praga da arte de escrever. Nada de frases bem acabadinhas, ritmos preconcebidos, adjectivos para encurtar linguagem directa, pessoal, energica, simples, eficaz. Muito bem. Admiro o seu livro. Creia que sou sincero e não tenho a mínima intenção de lhe ser

agradavel. Nem me importam teorias, modernismos, etc quando aprecio ou renego. É lógico porém que mais aprecio o que mais vai comigo.[...] A sua dicção tem pontaria certa as mais das vezes, Luís da Câmara Cascudo. Gostei imensamente disso. Não será mesmo essa a maior conquista dos modernos? Creio que sim. A literatura (mau sentido da palavra) nasceu no sec. XIX. Nós conseguimos (alguns) libertarmos-nos da literatura. Isso vai aos poucos naturalmente. Gosto sempre de fazer exemplo comigo mesmo, porque assim não parece que estou a atacar ninguém. Fui recheado de literatura. Reagi. Revoltei-me. Chamaram a isso de futurismo. Pouco me importam os batisados. A revolta tinha exageros enormes. Pauliceia ainda está recheada de literatura na sua parte poetica. Há muito parnasianismo, muito simbolismo, muita idéa literaria oculta lá dentro e como era de se esperar passou despercebida aos criticos . Valeu como revolta. É um grito de coração. Evolucionou mais rapidamente e melhor na prosa. Aqui tive logo fructos: Experiencias de sinteses, simultaneidade, rapidez, energia. Abandonei os ritmos de rede e os clamores sensuais da palavra. Criei porém uma linguagem demasiadamente pessoal que transparece na proxima “Escrava” que lhe mandarei, e nas Cronicas de Belazarte. Era ainda um erro. O homem não vive só. Agora me humanizo. O erro foi benéfico. Imensamente. Em todos os prejuizos o erro vale. Mas erro melhor do que a verdade: produz. É activo. Em certas linhas actuais, no romance Fraulein já estou melhorzinho. Vamos a ver onde vou parar. E tenho consciencia de que fugindo do regionalismo (um perigo) não escrevo mais português. Estou escrevendo brasileiro. Deus me ajuda!

Com essa citação longa, mas bastante esclarecedora do que estamos discutindo nesse artigo, suspendemos, por ora, nossas discussões.

### Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de. **Mário escreve cartas a Alceu, Meyer e outros:** coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.

\_\_\_\_\_. **O turista aprendiz:** estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades. 1976.

\_\_\_\_\_. **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo.** Org. introdução e notas de Veríssimo de Melo. Rio de Janeiro: Vila Rica, 1991

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Trad. De Bernardo Leitão et al. 3. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.